



O CONFLITO DAS FALKLANDS E SEUS REFLEXOS

Luiz Paulo Macedo Carvalho, p.s.c.

O conflito militar entre a Argentina e o Reino Unido, iniciado a 2 de abril de 1982 com a entrada das forças argentinas em Port Stanley e terminado em 14 de junho do mesmo ano, com o vitorioso assalto das tropas britânicas, já fez sentir inúmeros reflexos de natureza variada.

Muito do que se tem escrito e lido, desde a deflagração das hostilidades até o presente, baseia-se em informações incompletas ou incorretas. Somente agora começam a ser revelados dados que, após criteriosa triagem e análise, poderão delinear o panorama completo do acontecido e a conseqüente interpretação dos fatos. Entretanto, pode-se de imediato tirar algumas

inferências válidas, considerando muitas das lições extraídas não constituírem novidade para os estudiosos do assunto.

Embora tenha sido uma guerra limitada, travada no extremo sul do globo, em condições "sui generis" e, sob alguns aspectos, remontando a conflitos do século passado, é inegável que proporcionou importantes ensinamentos a serem deduzidos ou reavivados e aprendidos ou enfatizados, sejam novos ou velhos.

Sem dúvida, a campanha é a primeira experiência de batalha na era dos mísseis. Em San Carlos foi empreendida a primeira operação anfíbia em grande escala desde os idos de 1939-45 ou da Coréia. Nos combates terrestres pela conquista

de Port Stanley testou-se o emprego da infantaria, no escalão brigada, sob extremas condições meteorológicas adversas. Os ingredientes básicos do sucesso obtido pelos ingleses desde o início presentes foram: o Poder Nacional do Reino Unido; o valor do objetivo nacional permanente do "Leão" britânico — Soberania; determinação inabalável; flexibilidade das forças, do equipamento e das táticas empregadas; a coragem e a eficiência de oficiais e soldados bem treinados.

Esta análise restringe-se à avaliação de certos tópicos de significação estratégica e militar, cujos efeitos possam se fazer sentir na política interna e externa das nações com interesses no Atlântico Sul, no relacionamento entre o Brasil e seus prováveis aliados ou adversários.

Antes de tudo cabe ressaltar que o conflito diplomático-militar entre a Argentina e o Reino Unido colocou de novo em pauta para debate no campo do direito internacional a validade da solução pacífica das contendas entre as nações pela arbitragem ou negociação, ou do uso da força, condenada na Carta das Nações Unidas, da OEA e no TIAR. Tal confronto abre um sério precedente para aplicação futura da força, como meio de solucionar litígios fronteiriços, em particular na América do Sul, onde há pendentes algumas reivindicações territoriais entre a Argentina e o Chile, a Bolívia e o Chile, o Chile e o Equador junto com o Peru, a Venezuela e seus vizinhos — a República da Guiana e

a Colômbia. Por outro lado, o fundamento em que se assenta a delimitação das fronteiras na América Latina — o "uti possidetis" —, é posto em questionamento, numa época de incertezas, levantando argumentos para atritos e contestações que sensibilizam povos e nações não só na América do Sul, mas no Caribe, área geoestratégica de conflitos em que são reclamados direitos à herança dos antigos colonizadores espanhóis.

Ao mesmo tempo a solução do conflito acentuou o desprestígio da ONU e da OEA, gerando desconfiança sobre os EUA e colocando em dúvida a validade de existência do TIAR, de parte de algumas nações latino-americanas, além de abalar o diálogo Norte-Sul e de colocar uma interrogação na capacidade operacional militar da OTAN em face do poderio de uma superpotência como a URSS. Caracterizou também a prioridade da OTAN sobre qualquer outro pacto para o Ocidente, ampliando o prestígio dos EUA junto aos países signatários deste tratado e proporcionando-lhe condições para vir a se utilizar da base britânica instalada nas Falklands. O apoio proporcionado pela URSS à Argentina parece ter aumentado a influência soviética na América do Sul, beneficiando assim a expansão do movimento comunista internacional neste continente.

A conflagração, apesar de se constituir em exemplo típico de guerra limitada atípica, provou que esta forma de conflito pode não se circunscrever aos beligerantes, levar a uma escalada até mes-

mo nuclear, forçar Estados a formarem blocos de posições antagônicas, com grandes repercussões no cenário internacional e interno de cada nação.

Desde o final da II Guerra Mundial até a eclosão do conflito das Falklands a importância estratégica do Atlântico Sul esteve relegada a plano secundário ou minimizada pelas potências ocidentais e, com particular, pelos EUA. As únicas preocupações existentes sobre a área concentravam-se na "Rota do Cabo", por ser a "estrada líquida" do petróleo. Apenas a Argentina e a África do Sul, anteriormente tentaram reunir as nações atlânticas da África e da América do Sul em um "Pacto do Atlântico Sul", talvez movidas mais por interesses políticos do que estratégicos, cujos resultados foram infrutíferos. Outra idéia aventada foi a de estender a OTAN além do seu limite sul — o Trópico de Câncer, incluindo assim a Argentina e o Brasil. Porém, tal sugestão não vingou, dada a exclusão injustificada da África do Sul, por razões políticas. A guerra das Falklands, portanto, diante do crescimento da influência soviética na América Latina pelo apoio emprestado à Argentina e do seu poder naval, despertou o interesse do Ocidente para o Atlântico Sul com enfoque no seu extremo gelado, por onde passa a única rota direta e permanente que liga os dois maiores oceanos do mundo.

Em corolário, ficou patenteado que as potências do Atlântico Norte, na atualidade, não têm condições de operar ao sul deste, im-

pondo-se estabelecer um sistema de aliança com os países atlânticos da África e sul-americanos, bem como se efetuar uma reavaliação estratégica do Atlântico Sul, principalmente de suas ilhas oceânicas que oferecem posições avançadas de defesa ou possam servir de bases de apoio para ações ofensivas.

Por conseguinte, tornou-se clara a importância estratégica das ilhas oceânicas o que ressalta o valor de Fernando de Noronha, Trindade e Ascensão (6.000 km distante das Falklands) e a excepcional posição desfrutada pelas Falklands, Geórgias, Sandwich e Orcadas, como bases obrigatórias de apoio às operações científicas e militares na área e na Antártica, assim como postos avançados ou última linha de defesa, a fim de manter as passagens do Atlântico para o Pacífico (Estreito de Magalhães, Cabo de Hornos e Passagem de Drake) e vice-versa — reconhecidas publicamente, na televisão, pelos ingleses, como a "porta dos fundos" da OTAN.

A reavaliação estratégica do Atlântico Sul como teatro de operações veio confirmar os princípios clássicos das teorias desenvolvidas por Mahan e Spykman acerca do Poder Marítimo e Aeroespacial. Nesta guerra assistiu-se à aplicação, por parte do Reino Unido, de variadas estratégias aeronavais: bloqueio, desgaste, projeção do poder sobre terra, defesa em profundidade, manutenção da iniciativa, esquadra balanceada, ataques a aeródromos, neutralização da defesa aérea, apoio aéreo imediato,

reconhecimento aéreo etc. Contudo, evidenciou-se a vulnerabilidade das belonaves de superfície (por seu tamanho, inadequado armamento e material utilizado na sua construção), para navegar sem a devida cobertura aérea e proteção submarina. A experiência das Falklands demonstrou o papel crucial do submarino, principalmente nuclear, em operações navais, como instrumentos flexíveis e poderosos, pela velocidade desenvolvida, independência de apoio, autonomia, profundidade atingida, longo raio de ação, capacidade de romper bloqueios e inestimável de transmitir informações para os comandos distantes, sem considerar seu imenso poder de destruição atômica. Para isso, basta se recordar os exemplos proporcionados pelo afundamento do cruzador argentino "Belgrano" e rompimento do bloqueio inglês pelo veterano "Santa Fé". Entretanto, o submarino nuclear é de capital importância para a guerra anti-submarina. Neste particular, merece destaque que as profundezas oceânicas, ao sul da Bacia do Prata, nas proximidades das Falklands constituem perfeitos esconderijos para os atuais gigantescos submersíveis nucleares, como o "Typhoon", de 30 mil toneladas lançado ao mar recentemente pelos soviéticos.

A flexibilidade de emprego do poder aeronaval combinado, apoiado no componente mercante, como coadjuvante do primeiro, nessa campanha, mostrou a relevância da habilidade de ressuprimento no mar e em vôo. As baixas sofridas por ambos contendores

atestam a necessidade de se obter, pelo menos, superioridade aérea local para se manobrar livremente nos mares. Os oceanos ainda permitem deslocamentos de força aeronaval a longa distância, impor bloqueios e conduzir ações anfíbias ofensivas. A eficácia e eficiência do helicóptero e de aviões de reconhecimento na guerra anti-submarina torna-os indispensáveis nos teatros de operações marítimos.

As ilhas oceânicas atestaram, uma vez mais, ser o desembarque anfíbio a forma válida de projeção da expressão militar do poder sobre terra, se explorado convenientemente o fator surpresa e o emprego combinado de meios adequados, helicópteros, apoio aéreo imediato, defesa aérea, apoio de fogo naval, precedido da atuação de pequenos contingentes altamente especializados.

Sendo a estratégia "a arte de combinar forças diferentes visando a modificar, em determinado sentido, a evolução da situação", o conflito das Falklands mostrou ser essencial, para sua eficácia, haver unidade de comando. Do lado inglês, a direção política da guerra foi conduzida pessoalmente pelo Primeiro-Ministro, em reuniões diárias, com um gabinete composto por pequeno grupo de ministros, assessorado pelo Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Procurador-Geral, diplomatas, economistas e técnicos militares, enquanto a condução das operações, após transmitidas clara e precisamente as diretrizes gerais do governo, ficou a cargo do comando do

teatro que gozou de absoluta liberdade, sem a mínima interferência a 13.000 km de distância, atuando por integral delegação de poderes através de uma simples e eficaz estrutura de comando combinado. Para isso, estabeleceu-se um sistema de comunicações instantâneo e seguro por meio de satélites, que permitiu aos governantes dirigir a guerra de suas poltronas no Atlântico Norte. Já a multiplicidade de comando em vários níveis dos argentinos ensejou contradições e confusões que levaram ao trágico desfecho das operações e ao posterior julgamento dos responsáveis pela tomada de decisões militares e políticas.

Tanto os sucessos como os insucessos registrados, pelos beligerantes, na campanha das Falklands evidenciaram ser indispensável a obtenção de informações estratégicas, com precisão e antecedência, para se obter uma correta avaliação estratégica, a fim de se delimitar a área do teatro de operações objetivando-se o estudo e planejamento das ações. De início houve falhas de ambas as partes. Os ingleses parece terem sido surpreendidos pelos argentinos e haverem subestimado o poder do adversário. Do outro lado, os argentinos, ao que tudo indica, também, não avaliaram corretamente as possibilidades do inimigo. Esqueceram, talvez, que o mestre da "estratégia indireta" — Liddell Hart — era inglês e assim cometeram o grave erro de aguardarem os principais desembarques em Port Stanley, o que assegurou às forças britânicas, após uma série de fintas em vários

pontos das Falklands, dez horas para estabelecerem calmamente uma cabeça-de-praia em San Carlos.

A arte da estratégia coube combinar um outro fator de suma importância — a aplicação de alta tecnologia sofisticada à guerra (equipamentos de visão noturna, sistemas de detecção e acompanhamento de alvos, pontaria e direção computarizada de modernos sistemas de armas, guerra eletrônica, emprego de satélites, mísseis, radares, aviões de decolagem vertical, armamento portátil automático, armamentos especiais, viaturas anfíbias especializadas e tratores etc). O que leva a concluir, nada poderem fazer contra um inimigo bem dotado de meios modernos, forças armadas deficientemente aparelhadas. Está assim provado que corre sério risco o país que ficar na dependência exclusiva da política de fornecimento de material bélico produzido no estrangeiro. Há necessidade de desenvolvimento científico-tecnológico para as forças armadas atuarem com independência e conseqüente eficiência.

O avanço tecnológico trouxe no bojo a imperiosa necessidade de se dispor de um combatente altamente especializado e profissionalizado. O valor de um soldado profissional, voluntário, cuidadosamente selecionado e bem treinado, resolutivo, física e mentalmente enrijecido, ficou amplamente demonstrado nos combates noturnos sob as condições climáticas mais adversas, pelo desempenho dos pilotos, comandos e guarnições de sis-

temas de armas de tecnologia avançada contra um conscrito, mal equipado, destreinado e desmotivado. Haja vista o exemplo dos bravos "Gurkas" que de início desembarcaram praticamente desarmados e ao final da campanha registraram apenas um morto em ação. As forças terrestres provaram ser dependentes de meios aéreos orgânicos e viaturas sobre largatas para garantir sua mobilidade em qualquer terreno. O extenso uso de armas antipessoal e anticarro atestou sua eficácia, assim como a capacidade de abrir brechas e limpar campos minados rapidamente antes do desembarcar de ataques. A gama de meios eletrônicos empregados em combate obriga, cada vez mais, o soldado a se especializar. Os mísseis, tanto em terra, no mar, como no ar, dominaram o cenário dos campos-de-batalha, marcando o início de uma nova era, na arte da guerra. Embora forças armadas totalmente profissionalizadas sejam inviáveis por acarretarem prejuízos na formação de reservas e ônus ponderáveis, advindos do envelhecimento de suas fileiras e quadros, as lições da campanha assistida indicam a necessidade de se rever a legislação tradicional que rege a prestação do serviço militar e os métodos de instrução.

Nas circunstâncias excepcionais em que se processou, merece especial destaque o sucesso alcançado pela mobilização e apoio administrativo britânicos. As demandas operacionais foram satisfeitas em tempo recorde ou prontamente, atingindo um espectro amplo de

pesquisa científica e industrial. A campanha testou a validade de se contar com um planejamento para mobilização industrial, alicerçado em bases sólidas e os benefícios de se dispor de capacidade de pesquisa própria. A informática aplicada à mobilização acelerou a introdução de modificações, a improvisação e o rápido desenvolvimento de equipamentos militares, combinando itens em novas formas, criando novos modelos, adaptando peças e conjuntos, produzindo e entregando sem perda de tempo o material requerido. Os estaleiros asseguraram um elevado grau de prontidão ao poder naval. Os planos de emergência para mobilização da Marinha Mercante funcionaram bem. Em conjugação com o Ministério do Comércio, foram requisitados e fretados deste traineiras até transatlânticos, que antes mesmo de atracarem nos portos para embarque e carregamento já haviam se transformado ou adaptado, a fim de satisfazer a suas novas destinações. Equipagens, uma vez convocadas, guarneceram os navios com presteza. Planejamento meticuloso, realizado com antecedência, permitiu que equipamentos e suprimentos fossem carregados e transportados em quantidades específicas e em ordem correta. Navios especializados foram utilizados para transportar determinados itens, apesar do material de alta prioridade haver sido distribuído por diversos barcos, de forma que não fosse completamente perdido em caso de naufrágio, como aconteceu com o "Atlantic Conveyor". Entretanto,

mesmo entre os ingleses, verificaram-se problemas, tais como o embarque da pista de aviação desmontável que ainda espera vez em Southampton e os primeiros disparos do sistema de míssil antiaéreo *Rapier* terem se efetivado apenas pelo processo ótico, devido a erros administrativos terem impedido a chegada de seus acessórios em tempo hábil.

A indústria também aprendeu algumas lições. Talvez a conversão da aeronave *Nimrod* para ser reabastecida ao ar, em tempo de paz, levasse uns dois anos. A despeito da existência de estoque de peças sobressalentes, a adaptação do referido avião consumiu três semanas.

De um modo geral, a indústria e o Ministério da Defesa ingleses responderam imediata e eficientemente ao desafio da crise e às suas necessidades extras de suprimentos.

A política de venda indiscriminadamente de armas para o exterior merece ser revista com atenção, pois o Reino Unido foi um dos maiores fornecedores do material bélico que a Argentina empregou contra as forças britânicas.

O apoio logístico prestado à campanha das Falklands constitui o maior sucesso inglês. Embora as linhas de comunicação tenham se alongado excessivamente, a força-tarefa raras vezes careceu de suprimento essencial, equipamento e sobressalentes, que foram mantidos em níveis compatíveis. A força-tarefa foi organizada, equipada e despachada em tempo recorde, refletindo assim o alto grau de

prontidão e aprestamento das forças singulares.

As dotações de material e munição, assim como as reservas de guerra achavam-se completas.

A capacidade logística de apoio fora da área normal de operações foi testada e respondeu à altura da diretriz traçada, com a vantagem da concentração estratégica ter se processado fora do alcance inimigo.

Ficou comprovado ser vital, para apoiar operações à longa distância, ter capacidade de se efetuar reabastecimento em vôo e no mar. Os *Harriers*, por exemplo, voaram sem escala de Ascensão para a área de operações, sendo reabastecidos em vôo por outras aeronaves.

A contribuição dada pela indústria civil revelou o potencial da nação para enfrentar crises. Aviões comerciais transportaram mais de 350 t de carga, incluindo helicópteros, da Grã-Bretanha para Ascensão, enquanto do outro lado a Aerolíneas Argentinas cooperou em missões de transporte e reconhecimento com o seu governo.

A demanda de pessoal foi satisfeita com os efetivos normais, sem necessidade de convocação de reservistas ingleses, exceto tripulações para alguns navios requisitados, o que não ocorreu com os argentinos.

O sistema de evacuação de baixas funcionou extraordinariamente bem. Os feridos eram operados seis horas ou menos, após terem recebidos os primeiros socorros, salvando-se 90% deles. Se fez largo uso de helicópteros e navios hospitais para a evacuação de pessoal.

O sistema de informações sobre as baixas ocorridas operou maravilhosamente bem. Os parentes telefonavam no auge das operações de combate e obtinham dados precisos sobre seus familiares participantes do conflito, tendo conhecimento das baixas verificadas antes das notícias serem difundidas pela imprensa. Houve certa dificuldade em identificar os sobreviventes logo após os naufrágios, dado terem sido recolhidos por diferentes meios e transportados para diversos navios. Entretanto, o mesmo não ocorreu com os argentinos, que até após a cessação das hostilidades ignoravam o destino de alguns de seus combatentes.

O estado físico e moral da tropa inglesa manteve-se elevado, em meio aos reveses sofridos e às condições adversas enfrentadas, graças à boa qualidade dos abrigos, uniformes e calçados utilizados, assim como das rações distribuídas. Tal fato não se deu com seus oponentes.

Apesar dos ingleses terem feito ao término da campanha, um total de 11.400 prisioneiros, todos receberam adequada alimentação, tratamento médico e fardamento, sendo observados os procedimentos recomendados pelas Convenções de Genebra.

O governo britânico procurou desde a eclosão dos atos de hostilidade fornecer comunicados acurados, tão rápido quanto possível, tendo os Ministérios da Defesa e do Exterior expedido relatórios, sistematicamente, para a imprensa internacional e adidos militares credenciados em Londres, sobre os

campos diplomáticos e militares, à medida que a situação evoluía. Medidas foram tomadas pelo Serviço de Informações para neutralizar a propaganda adversa, sendo levado razoável número de correspondentes ao teatro de operações. Essas ações muito contribuíram para obter apoio externo.

Sem apoio da opinião do público interno não teria sido possível montar e levar a efeito a operação. Foi indispensável também o apoio dos aliados. Em algumas oportunidades, para evitar a publicação de determinadas informações úteis aos argentinos, foram retardadas a divulgação de certos acontecimentos. Mostrou-se necessária a adoção de um sistema de censura, a fim de proteger as ações militares, antes e durante o desenvolvimento das operações.

Eis em síntese, alguns reflexos do conflito das Falklands no domínio da estratégia e da expressão militar do poder. Lamentavelmente, grande parte dos ensinamentos coletados restringe-se à experiência inglesa, em razão dos argentinos não terem ainda revelado maiores informações sobre o que se passou do outro lado da colina.

Poder-se-ia rotular a guerra dos 74 dias como um conflito onde foram empregadas nova tecnologia e velhas táticas, como salientou Guertner.

Bibliografia

- GEORGE, Bruce & COUGHLIN, Michael. British Defence Policy After the Falklands. *Survival*. Londres, XXIV (5): 201-210. 1982.

DOBSON, Christopher, Miller, John & PAYNE, Ronald. *The Falklands Conflict*. Grã-Bretanha. Coronet Books. 1982. 213 páginas.

GUETNER, Gary L. *A Guerra dos 74 Dias: Novas Tecnologias e Velhas Tá-*

ticas. Military Review. Fort Leavenworth, Kansas, EUA. LXIII (2): 70-78. 1983.

GRÃ-BRETANHA. Her Majesty's Stationery Office. *The Falklands Campaign: The Lessons*. Londres. 1982.



O Cel QEMA Luiz Paulo Macedo Carvalho possui os cursos de Técnica de Ensino, de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento (EsAO), de Comando e Estado-Maior (ECEME), de Estado-Maior do Exército Britânico (Staff College Camberley), do Centro do Real Corpo de Educação do Exército Britânico (Beaconsfield), de Extensão de Manutenção e Reparação Automóvel, do Exército dos EUA (Aberdeen Proving Ground), além de ser bacharel em Ciências Políticas e Econômicas. Exerceu as funções de instrutor da AMAN, do CPOR-RJ e da ECEME. Integrou também o corpo permanente da Escola Superior de Guerra e o Conselho Editorial da Biblioteca do Exército. É membro do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, e sócio-fundador do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos. Ex-comandante do CPOR do Recife, PE. Atualmente é estagiário da Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro.